

## COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO EM MEIO À PANDEMIA DA COVID-19: Maranhão versus Brasil

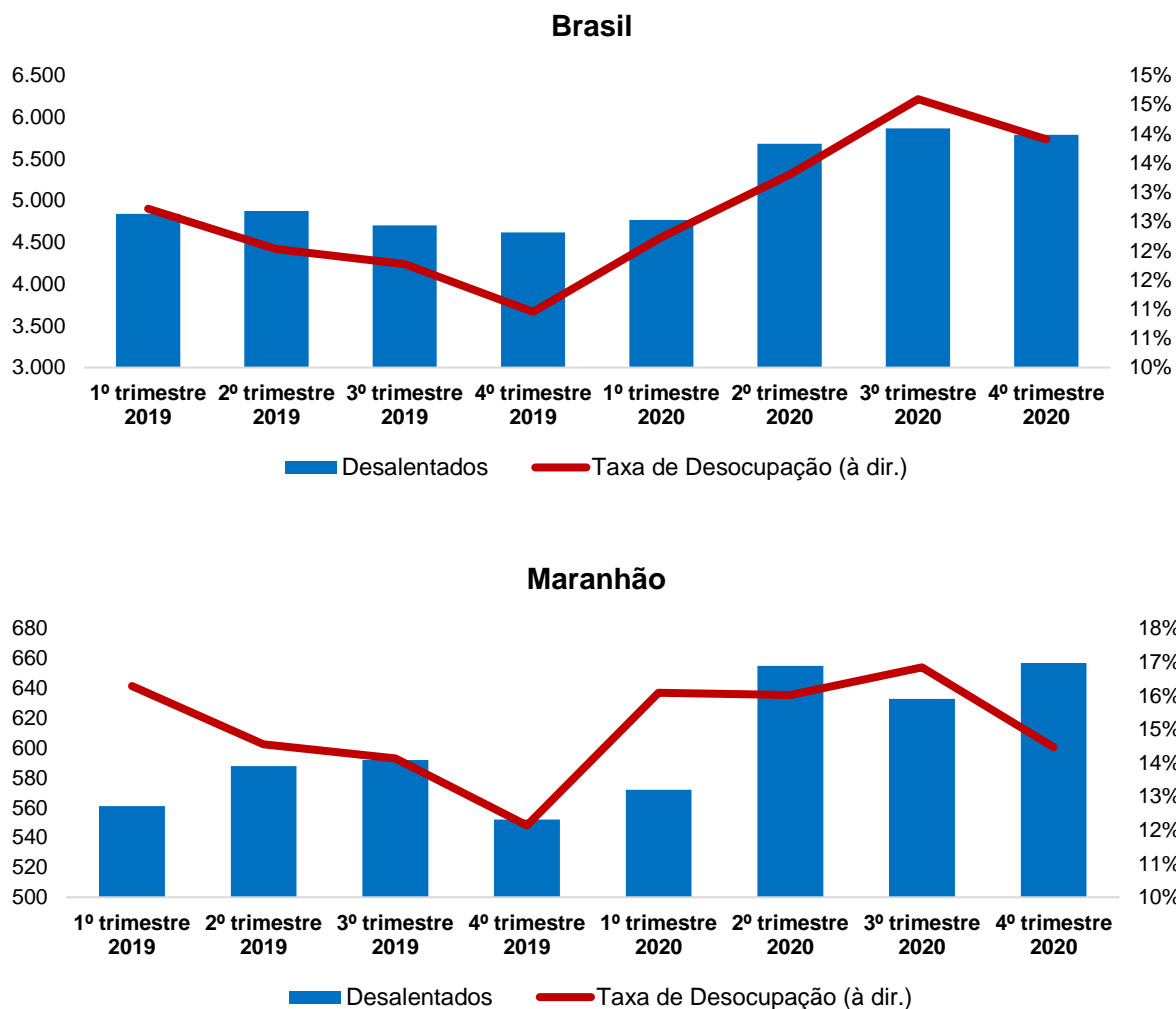
Nesta edição do Boletim Periódico do Observatório Social e do Trabalho, realiza-se uma avaliação dos impactos da crise sanitária de Covid 19 sobre o mercado de trabalho nacional e maranhense, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADc/IBGE, que acompanha as flutuações trimestrais da Força de Trabalho, e da PNAD Covid/IBGE, levantamento que mensura os impactos da pandemia de SARS-CoV-2, o novo coronavírus, sobre a saúde da população e o mercado de trabalho. Pode-se dizer, de modo geral, que a pandemia recente implicou em impactos profundos no mercado de trabalho, afetando principalmente os trabalhadores com menor proteção social. No Maranhão, os efeitos foram particularmente significativos, não somente em função da queda sem precedentes da população ocupada e da população economicamente ativa, mas também pelo fato de que, diferentemente de recessões anteriores, desta vez os trabalhadores informais foram os mais atingidos.

No **Gráfico 1**, com base nos dados da PNAD Contínua, divulgados pelo IBGE, pode-se observar que a taxa de desocupação no Maranhão se estabeleceu em 14,5% no 4º trimestre de 2020, apresentando trajetória de queda em relação aos outros três trimestres do ano e fechando em alta de 2,4 pontos percentuais (p.p.) no comparativo interanual. No terceiro trimestre, o indicador estava em 16,8%, maior percentual da série histórica iniciada em 2012. Em números absolutos, a quantidade de pessoas desocupadas no Maranhão recuou em cerca de 42 mil, na passagem do terceiro trimestre para o quarto trimestre de 2020.

Na comparação entre os Estados do Nordeste, o Maranhão apresentou a terceira menor taxa de desocupação, somente o Piauí (12,0%) e o Ceará (14,4%) exibiram resultados melhores. Por sua vez, no país, a taxa avançou 2,9 p.p. tendo como referência o mesmo período do ano passado, e recuou 0,7 p.p. em relação ao terceiro trimestre, alcançando, assim, 13,9% de desocupados em relação à força de trabalho.

Mesmo diante da queda no trimestre que encerra o ano, as taxas médias de desocupados para o ano de 2020, apresentadas tanto pelo Maranhão quanto pelo Brasil, se estabeleceram em patamar máximo histórico.

**Gráfico 1. Brasil e Maranhão:** Taxa de desocupação e pessoas desalentadas (em mil), por trimestres de 2019 e 2020



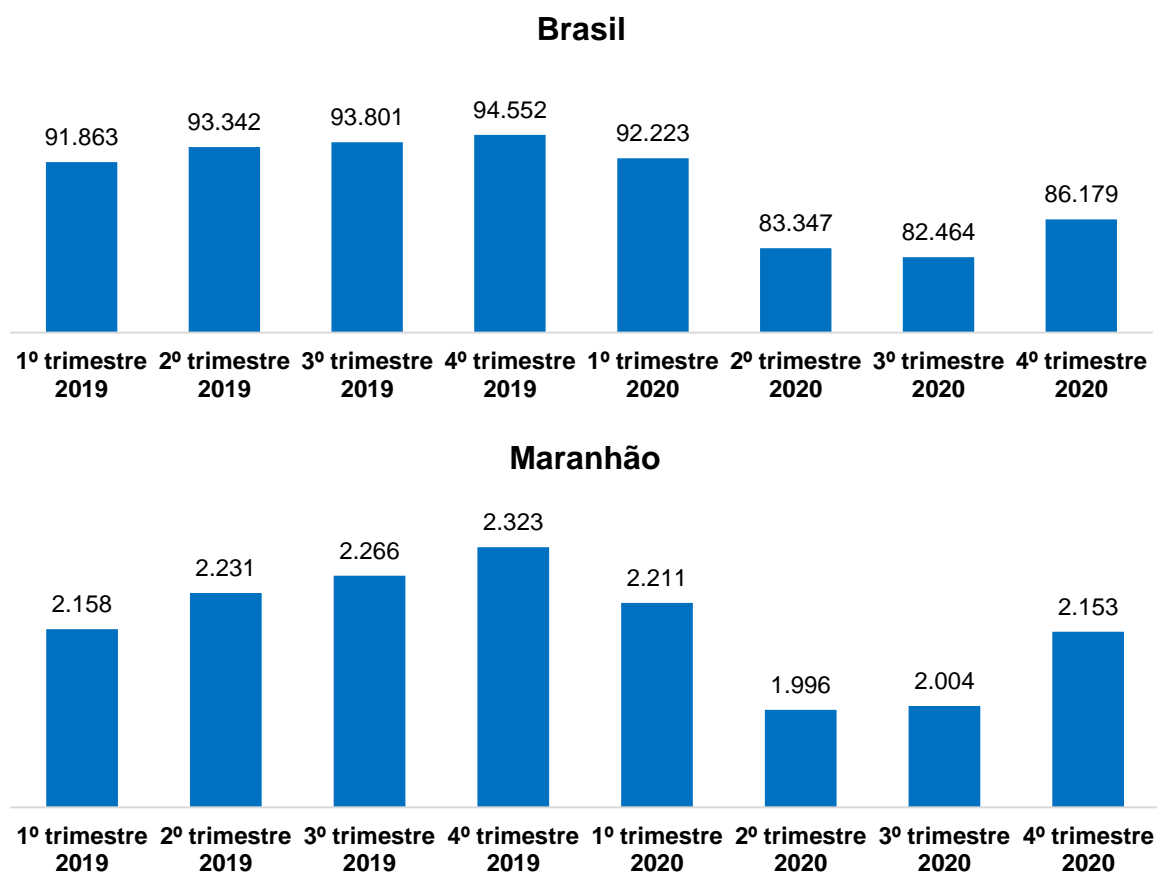
Fonte: PNAD Contínua/IBGE (4ºTri/2020)

Apesar de indicar uma aparente retomada da ocupação, a taxa de desocupação não é o indicador que melhor reflete a evolução do mercado de trabalho durante a pandemia. Isso porque, tecnicamente, o IBGE só considera como desocupada aquela pessoa que está sem trabalho, mas busca efetivamente novas oportunidades. Como a pandemia impôs regras de distanciamento e isolamento social, muitas pessoas ficaram impossibilitadas de procurar empregos, seja pelo isolamento ou mesmo porque a atividade econômica desacelerou. Desta forma, na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2020, o total de pessoas desalentadas cresceu 19,1% no Brasil (+913 mil pessoas) e 14,1% no Maranhão (+83 mil pessoas). De acordo com a Pnad Covid/IBGE (2020), o total de maranhenses não ocupados que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade chegou a 1,07

milhão em maio, contingente 24,4% superior ao que seria apontado seis meses mais tarde, em novembro de 2020. Isso explica por que a taxa de desocupação do Estado permaneceu estável no momento mais grave da crise sanitária. Caso a força de trabalho potencial fosse considerada, o Maranhão encerraria o ano com uma taxa real<sup>1</sup> de desocupação de 36,7%, enquanto o país atingiria o percentual de 22,7% no indicador de desemprego real.

O **Gráfico 2**, abaixo, exhibe a quantidade de ocupações desmobilizadas e criadas no Brasil e no Estado do Maranhão durante a pandemia e no ano de 2019.

**Gráfico 2. Brasil e Maranhão:** Pessoas ocupadas, por trimestres de 2019 e 2020 (em mil)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE (4ºTri/2020)

A flutuação do número de ocupados no ano de 2020 indica que o impacto da pandemia sobre o mercado de trabalho brasileiro e maranhense ocorreu de forma mais expressiva no segundo trimestre do ano, o primeiro afetado inteiramente pela

<sup>1</sup> Taxa combinada de desocupação somada a força de trabalho potencial em relação a força de trabalho ampliada.

crise sanitária. O período entre abril e junho ficou marcado pelo maior rigor das medidas de isolamento social – sejam essas impostas ou voluntárias. Ressalta-se que o declínio de vagas no primeiro trimestre de 2020 é considerado sazonal, devido às demissões de vagas temporárias contratadas pelo setor terciário no final do ano anterior e às condições climáticas que impactam principalmente setores como a Construção Civil.

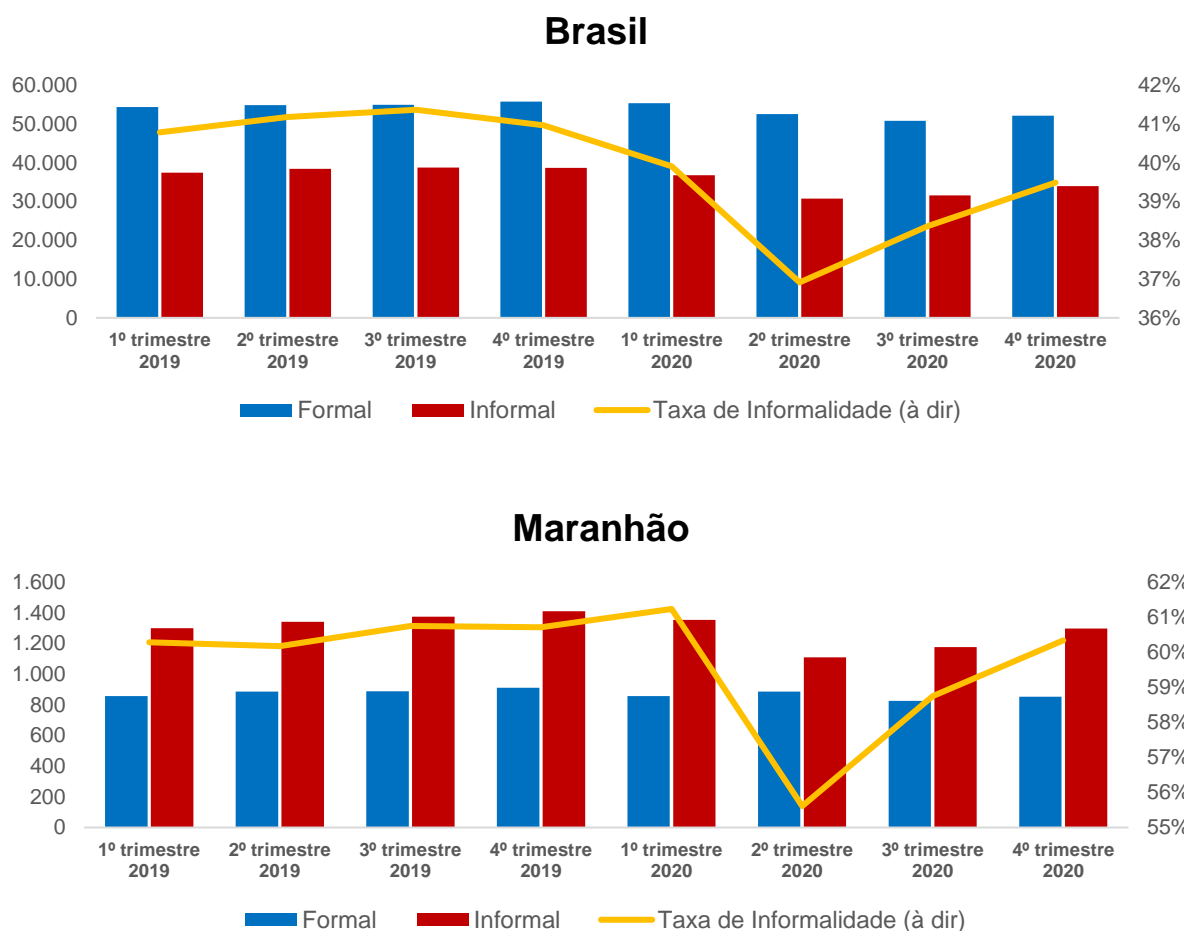
No Maranhão, a partir de julho de 2020, com maior flexibilização das medidas de restrição à circulação, o emprego apresentou sinais de retomada. No último trimestre do ano, decorrente de um movimento sazonal de aumento na busca por emprego impulsionado pelas festas de fim de ano, ao mesmo tempo em que ocorreu a flexibilização das medidas de isolamento social, o mercado de trabalho reverteu a trajetória descendente e gerou uma quantidade expressiva de empregos, encerrando 2020 com o total de 2,15 milhões de ocupados. Contudo, o número de vagas novas não foi suficiente para compensar as perdas do primeiro trimestre de pandemia, as quais atingiram cerca de 215 mil trabalhadores maranhenses. Assim, o Estado encerrou 2020 com contingente de ocupados 7,3% inferior ao apontado no quarto trimestre de 2019. No país, o recuo foi ainda mais acentuado, pois, considerando o comparativo interanual dos últimos três meses do ano, houve a desmobilização de 8,9% do total de ocupados.

No que se refere ao perfil das ocupações segundo a posição e categoria do emprego, o **Gráfico 3**, abaixo, mostra como os mercados de trabalho formal e informal<sup>2</sup> foram impactados de formas diferentes em cada um dos trimestres de 2020.

---

<sup>2</sup> São considerados informais as pessoas sem carteira assinada (empregados do setor privado ou trabalhadores domésticos), sem CNPJ (empregadores ou empregados por conta própria) ou trabalhadores sem remuneração.

**Gráfico 3. Brasil e Maranhão:** Ocupação formal e informal (em mil), e taxa de informalidade, em 2019 e 2020



Fonte: PNAD Contínua/IBGE (4ºTri/2020)

Observa-se em ambas abrangências territoriais que os mais afetados pela pandemia em um primeiro momento foram os trabalhadores informais. Na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2020, o estoque de trabalhadores informais no Brasil recuou 16,4%, enquanto que no Estado a involução foi de 18,7%, implicando em taxas de informalidade em patamares reduzidos. Esse movimento expôs a maior vulnerabilidade dessa categoria.

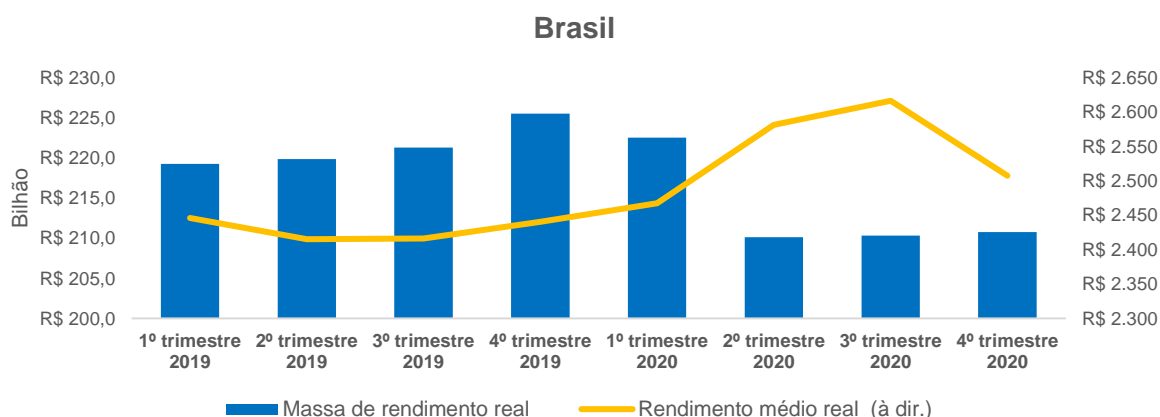
No período seguinte, isto é, no terceiro trimestre, os mais impactados foram os trabalhadores formais. Essa inversão se deve ao fato de o trabalhador informal ser mais sensível a mudanças na conjuntura: foi o primeiro a ser impactado e o primeiro a retomar as atividades, o que pode ser verificado também no último trimestre de 2020, quando a abertura de novas vagas foi impulsionada pela informalidade, em ambas as abrangências.

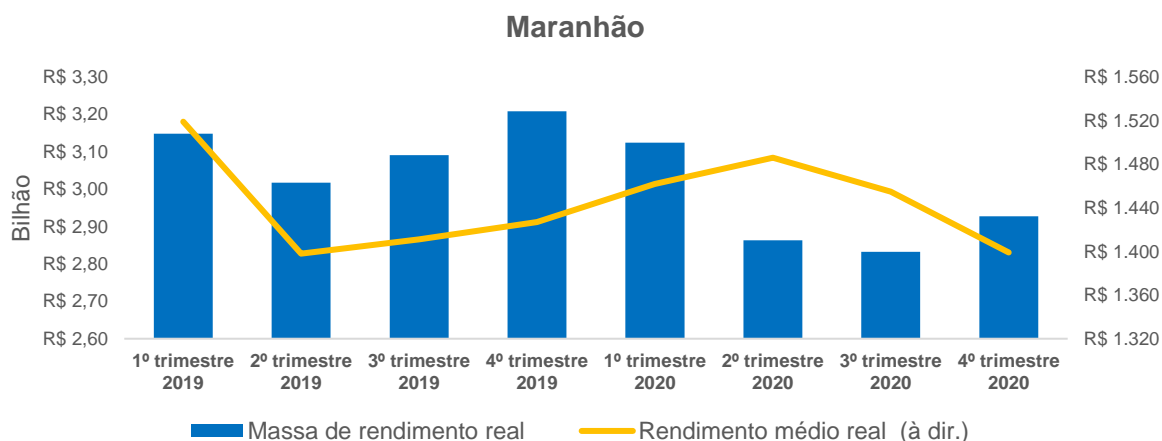
No Maranhão, apesar da retomada das vagas informais no quarto trimestre, o fechamento de postos com menor proteção social, desde o início da crise sanitária, continuou superando o de postos formais. Considerando o resultado líquido, das mais de 58 mil vagas perdidas desde o segundo trimestre do ano, 56 mil foram informais. Em termos de contingente, o Maranhão encerra o ano com um total de 1,29 milhão de trabalhadores informais, que corresponde a uma taxa de 60,3%, bastante superior à registrada em âmbito nacional (39,5%).

Abaixo, o **Gráfico 4** exibe a trajetória da renda da população ocupada, destacando a expressiva queda após a paralisação das atividades produtivas, tratando-se da maior contração da massa de rendimentos registrada na série, tanto em âmbito estadual (-8,4%), quanto em nível nacional (-5,6%), alcançando no país, nível próximo ao exibido nos anos de recessão – R\$ 210,10 bi, em 2020, contra R\$ 204,75 bi, em 2016. Considerando dados da PNAD Covid (2020), os ocupados no país receberam em junho uma massa total de remuneração efetiva 16,5% inferior à habitual, percentual idêntico ao verificado em âmbito estadual.

A forte desmobilização de trabalhadores de baixa remuneração ocorrida em um primeiro momento culminou em movimento de ampliação do rendimento médio provocado pela cessação de postos de trabalho informais. Este movimento foi se esvaindo no decorrer de 2020, à medida que os trabalhadores de menor remuneração foram reinseridos na força de trabalho e os ocupados formais foram sendo desmobilizados em ritmo superior. Assim, o rendimento médio dos ocupados maranhenses encerrou o quarto trimestre em R\$ 1,39 mil, que equivale a 66% do verificado em plano nacional.

**Gráfico 4. Brasil e Maranhão:** Rendimento Médio real (em R\$) de todos os trabalhos e massa real de rendimentos (R\$ bilhões), 2019 e 2020, inflacionados pelo IPCA a preços de nov/20



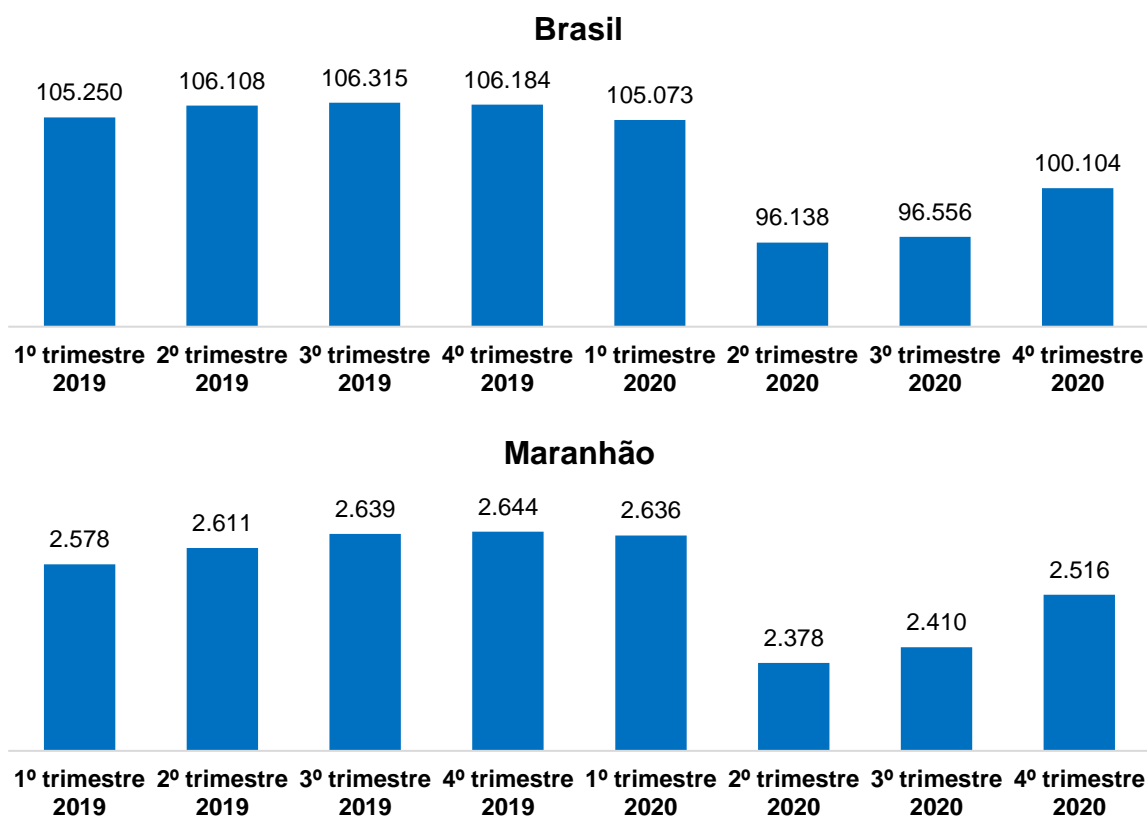


Fonte: PNAD Contínua/IBGE (4ºTri/2020)

Devido à pandemia, muitas pessoas saíram do mercado de trabalho – seja por receio ou por falta de vagas na localidade. O auxílio emergencial foi um fator importante para permitir que isso acontecesse. Ao garantir uma renda mínima à população mais vulnerável, o benefício garantiu subsistência para grande parte da população vulnerável. Segundo a PNAD Covid, em junho de 2020, cerca de 66,5% dos domicílios maranhenses possuíam ao menos uma pessoa que recebeu o auxílio emergencial.

No Maranhão, conforme **Gráfico 5**, o momento de maior recuo da força de trabalho durante pandemia ocorreu entre abril e junho, quando aproximadamente 258 mil pessoas deixaram de trabalhar ou procurar emprego. Isso indica que a totalidade das pessoas que saíram da ocupação, cerca de 215 mil, no referido trimestre, decidiu não procurar emprego imediatamente, enquanto aproximadamente 43 mil pessoas que se encontravam desocupadas ficaram impossibilitadas de buscar alguma ocupação.

**Gráfico 5. Brasil e Maranhão:** Pessoas na força de trabalho, por trimestres de 2019 e 2020 (em mil)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE (4ºTri/2020)

A partir do terceiro trimestre, dois fatores colaboraram para o aumento da participação na força de trabalho no Brasil e no Maranhão. Primeiro, a pandemia deu sinais de arrefecimento, o que possibilitou o retorno da maior parte das atividades. Além disso, o Auxílio Emergencial teve seu valor reduzido de R\$ 600 para R\$ 300, o que diminuiu o orçamento de famílias de baixa renda e significou, em alguns casos, a necessidade de retorno ao mercado de trabalho.

Apesar do crescimento apontado no último trimestre, quando comparado ao mesmo período do ano anterior, o Brasil e o Maranhão encerraram 2020 com recuo da população economicamente ativa na magnitude de 5,73% e 4,84%, respectivamente.

Elaboração

MS Raphael Bruno Bezerra Silva



## REFERÊNCIAS

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**. Rio de Janeiro, 4ºTri/2020. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em abril de 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) COVID-19**. Rio de Janeiro, novembro/2020. Disponível em <[covid19.ibge.gov.br/pnad-covid](https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid)>. Acesso em abril de 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Sistema IBGE de recuperação automática**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em abril de 2021.